

FIM DO CICLO DE RADICALIZAÇÕES

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 26.10.1982

O mundo e a América Latina vivem hoje um momento de grave crise econômica. E não obstante, já razões para um certo otimismo no plano político e social: talvez estejamos assistindo a fim de um ciclo de radicalizações de esquerda e direita.

Na Venezuela, em que um regime democrático resiste bravamente há muito tempo, Newton Carlos escreveu nesta Folha, no último domingo, sobre o fato histórico que é a morte do último guerrilheiro importante: Gabriel Puerta Aponte. Os demais já haviam se incorporado à vida legal há vários anos. Na Bolívia, Sile Zuazo assume o poder, pondo fim a mais um ciclo militar. Na Argentina o regime autoritário esgotou mais uma vez suas possibilidades de atuação. E no Brasil, onde a guerrilhas há muito foram eliminadas, a oposição democrática prepara-se para uma significativa vitória eleitoral no próximo dia 15 de novembro.

Na verdade, depois de mais de vinte anos, está se encerrando na América Latina um ciclo de reação da direita autoritária, que teve como uma de suas causas fundamentais a Revolução de Cuba, em 1959 e a subsequente radicalização da esquerda.

A revolução cubana, apesar de seu autoritarismo estatal, pode haver representado um progresso para o povo cubano. Mas para o restante da América Latina significou um enorme prejuízo no plano social e político, na medida em que foi um fator importante para a radicalização dos grupos de esquerda que teve seu limite no surgimento de guerrilheiros que procuravam imitar o modelo cubano.

Essa radicalização de esquerda era imatura, não tinha condições de chegar ao poder. E se chegasse, provavelmente só conseguiria implantar regimes estatais. Mas, ao ocorrer, impediu por muitos anos o desenvolvimento da esquerda democrática na América Latina, inclusive no Brasil.

Aqui, no início dos anos sessenta, essa radicalização não chegou a assumir a forma de guerrilha. E, em última análise, era inexpressiva. Mas, somada a uma série de circunstâncias particulares, foi suficiente para provocar uma reação desmesurada da burguesia e da tecnoburocracia militar, e a implantação, em 1964, de um regime militar autoritário. No restante da América Latina os regimes militares que se implantaram depois foram em grande parte cópia do brasileiro, ao mesmo tempo que traduziam uma reação da burguesia à radicalização de esquerda.

Essa radicalização, em suas várias formas desde o populismo de Goulart e Brizola até o socialismo democrático radical de Allende e a formação das guerrilhas está agora esgotada. Em contrapartida, a reação autoritária de direita capitalista-tecnoburocrática, nada mais tem a oferecer inclusive ao próprio capital industrial hegemônico no Brasil.

Abre-se assim a oportunidade para que os partidos democráticos com sólidas bases na esquerda, como o PMDB, e partidos menores, em última análise, social-democráticos, como o PT ou o PDT, se desenvolvam.

Neste quadro, ao PMDB caberá o papel-chave na media em que, como partido de centro-esquerda, nele próprio se realiza a aliança entre a esquerda democrática e os trabalhadores, de um lado, e os setores mais progressistas da média burguesia proprietária e da classe média assalariada, de outro. Essa aliança parte do reconhecimento de dois fatos fundamentais: (1) a burguesia possui ampla hegemonia ideológica no Brasil, não havendo ainda condições de êxito para um partido puramente socialista; e (2) a prioridade fundamental da sociedade brasileira, de ponto de vista político, é terminar com o ciclo autoritário e restabelecer a democracia no Brasil.

O êxito dessa aliança deverá ficar demonstrado nas eleições do próximo dia 15 de novembro. Naqueles estados onde o capital industrial já é significativo, permitindo esse tipo de aliança, a vitória das oposições marcará o início de uma nova etapa para o desenvolvimento político deste país.(26/10)